

UM CORPO QUE CARREGA SABERES: MEMÓRIA E ANCESTRALIDADE EM “SABELA”, DE CONCEIÇÃO EVARISTO

Gabriel Vidinha Corrêa¹

Resumo: A literatura matizada por escrituras tem colocado Conceição Evaristo em lugar de destaque na literatura brasileira, principalmente, por ficcionalizar as fraturas da sociedade no que diz respeito aos marcadores sociais da diferença: gênero, raça e classe, além de ensejar em sua obra a memória e ancestralidade que compõe a cultura afro-brasileira. Nesse sentido, nosso objetivo é analisar a novela “Sabela”, que compõe o livro *Histórias de leves enganos e parecenças* (2017), sob o viés dos estudos da memória e da ancestralidade. “Sabela”, narra a história de um dilúvio que assola uma cidade inteira, que de forma vívida alegoriza a travessia violenta do atlântico negro, no entanto, a personagem Sabela é a única imune às mazelas causadas pela grande chuva, em função dos saberes que carrega de uma ancestralidade africana. Categorias como memória individual, memória coletiva, ancestralidade e oralidade farão parte de nossa análise quando de suas representações simbólicas no seio da narrativa. Para tanto, como escopo teórico para essa abordagem recorreremos, principalmente, aos trabalhos de Carla Akotirene (2019), Luiz Rufino (2019), Abdias do Nascimento (2016), Cuti (2010), Chimamanda Ngozi Adichie (2009), Joël Candau (2018), Maurice Halbwachs (2006), Michael Pollak (1992) e a própria Conceição Evaristo (2008).

Palavras-Chave: Memória. Ancestralidade. Sabela. Conceição Evaristo.

¹ Doutorando em Crítica Cultural pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB). Mestre em Cultura e Sociedade pela Universidade Federal do Maranhão (UFMA). Professor da área de Letras-Libras do Instituto Federal Baiano (IF Baiano). Endereço eletrônico: gabriel.vidinha@hotmail.com.

A BODY THAT TRANSPORTS KNOWLEDGE: MEMORY AND ANCESTRALITY IN “SABELA”, BY CONCEIÇÃO EVARISTO

Abstract: Literature nuanced by writexperiences has placed Conceição Evaristo in a prominent place in Brazilian literature, mainly because it fictionalizes the fractures of society with regard to social markers of difference: gender, race and class, in addition to giving rise in her work to the memory and ancestry that make up the Afro-Brazilian culture. In this sense, our objective is to analyze the novella “Sabela”, which makes up the book *Histórias de leves enganos e parecenças* (2017), from the perspective of studies of memory and ancestry. “Sabela”, narrates the story of a deluge that devastates an entire city, which vividly allegorizes the violent crossing of the black Atlantic, however, the character Sabela is the only one immune to the ills caused by the great rain, due to the knowledge that bears an African ancestry. Categories such as individual memory, collective memory, ancestry and orality will be part of our analysis when considering their symbolic representations within the narrative. Therefore, as a theoretical framework for this approach, we mainly resort to the works of Carla Akotirene (2019), Luiz Rufino (2019), Abdias do Nascimento (2016), Cuti (2010), Chimamanda Ngozi Adichie (2009), Joël Candau (2018), Maurice Halbwachs (2006), Michael Pollak (1992) and Conceição Evaristo herself (2008).

Keywords: Memory. Ancestry. Sabela. Conceição Evaristo.

Considerações Iniciais

A cor dos olhos de minha mãe era cor de olhos d'água. Águas de Mamãe Oxum! Rios calmos, mas profundos e enganosos para quem contempla a vida apenas pela superfície. Sim, águas de Mamãe Oxum. (“Olhos d'água” — Conceição Evaristo)

É evidente que das páginas das obras de Conceição Evaristo escorre um grande rio cujas águas refletem uma ancestralidade, o que a torna uma escritora negra brasileira consagrada por trazer à baila as múltiplas facetas da experiência negra no âmbito da literatura brasileira. A referência à Oxum, orixá das águas doce, na epígrafe inicial, nos demonstra o compromisso ético e estético que brota de sua escrevivência, ao mesmo tempo em que enriquece o fenômeno do texto literário com o poder da fertilidade e riqueza de Oxum. Na esteira dessas predicacões podemos perceber, ademais, que “A galeria de personagens evaristiana é composta por homens, mulheres e crianças, na grande maioria negros, que vivenciam contextos de subalternização e possuem seus destinos fortemente imbricados com a exclusão e relegação” (CORRÊA; MENDES; SILVA, 2021, p. 22). Por isso, a escrevivência ganha palco, pelo fato singular de resgatar memórias, possibilitar novas leituras, tensionar o cânone, revisitar temporalidades e culturas, além da possibilidade de existir na diáspora.

A história de vida de Conceição Evaristo se entrelaça ao seu lugar nas letras, isso em função de o mundo da ficção está presente em sua vida desde a infância, quando sua mãe contava histórias ou simulava outras formas de criação. Vin-da da pobreza que representa uma grande parcela da população negra brasileira, a escritora trabalhou como empregada doméstica em Minas Gerais, ao mesmo tempo em que cursava o Curso Normal, para forma-se professora. No âmbito da crítica literária, a voz de Evaristo ecoa quando da publicação de artigos e ensaios em literatura, e sua formação em nível de graduação em Letras (UFRJ), Mestrado em Letras (PUC-Rio) e doutorado em Literatura Comparada (UFF) coloca a escritora no mundo de intelectuais negras, principalmente, pelo fato de cunhar categorias de análise para pensar o seio de sua literatura: a escrevivência, que “pode ser entendida como um conceito que propõe explicitar e discutir as trajetórias das histórias de afro-brasileiros, criadas pela dinâmica do

movimento diaspórico no Brasil” (FERREIRA DA SILVA, 2017, p. 20).

Filha dos *Cadernos Negros*, onde publica poemas e contos nos anos 90, Evaristo adentra o universo editorial, no momento em que o mundo abre-se para um novo século, com a publicação de *Ponciá Vivêncio* (2003) e *Becos da memória* (2006). Além desses, publica ainda *Poemas da recordação e outros movimentos* (2017), *Insubmissas lágrimas de mulheres* (2016), *Histórias de leves enganos e parencças* (2016) e *Olhos d'água* (2014), esse último, vencedor do *Prêmio Jabuti* em 2015 na categoria “Contos e Crônicas”. Outro momento digno de destaque é a candidatura de Conceição Evaristo à Academia Brasileira de Letras em 2018, que apesar da grande mobilidade popular em favor da escritora, o resultado não foi favorável, e como observou a jornalista Flávia Oliveira, grande incentivadora da candidatura: “Tá faltando preto na Casa de Machado de Assis”². No encontro promovido pela PUCRS, na presença de Lázaro Ramos, a escritora declara que sua história na candidatura foi feita, na medida em que abre portas para que outras escritoras e escritores negros empreendam-se em candidaturas.

No que tange sua produção, segundo Livia Maria Natália de Souza em seu artigo “Uma reflexão sobre os discursos menores ou a escrevivência como narrativa subalterna” (2018), a estética de Conceição Evaristo remonta a infância, as vivências com a mãe, vizinhas e outras crianças em uma prática assentada na oralidade. Pontua, ainda, o reflexo dessa prática quando:

O entrecruzamento dos lugares de gênero, raça e classe resulta no nascimento de especificidades de demandas que fazem parte deste exclusivo universo, o das mulheres negras pobres, neste caso, com

² Declaração dada ao colunista Anelmo Gois no jornal *O Globo* em 25 de Abril de 2018. Informação extraída de *The Intercept Brasil*: <https://theintercept.com/2018/08/30/conceicao-evaristo-escritora-negra-eleicao-abl/>.

destaque para aquelas que nasceram na diáspora negra. Ao colocar-se a partir deste contexto, a saber, do privilégio e estreito contexto da enunciação da escrita, Evaristo fala, [...] com a sua fala e com a fala de todas as mulheres negras sistematicamente subalternizadas pelo desejo do outro (SOUZA, 2018, p. 37).

Essas observações demonstram os agenciamentos no centro de contextos dissidentes, algo que ganha palco no mundo contemporâneo, tendo em vista que “A significação mais ampla da condição pós-moderna reside na consciência de que os ‘limites’ epistemológicos daquelas ideias etnocêntricas são também as fronteiras enunciativas de uma gama de outras vozes e histórias dissonantes, até dissidentes — mulheres, colonizados, grupos minoritários, os portadores de sexualidades policiadas” (BHABHA, 2013, p. 19), por isso a Escrivivência de da escritora configura-se como lugar de criação e nova epistemologia, pois “acreditamos que que a escrita de sujeitos não hegemônicos tende à construção de uma dicção poética tal qual se instaura a demanda de desenvolvimento de instrumentais de análise específicos e, muitas vezes, estes instrumentais emergem do próprio texto, em estudo, pela sua capacidade de agência” (SOUZA, 2018, p. 34).

Nesse sentido, nosso olhar volta-se para o lugar da memória e da ancestralidade na obra de Conceição Evaristo, à propósito da novela “Sabela”, presente em *Histórias de leves enganos e pareanças* (2016). “Sabela”, narra um acontecimento insólito de uma grande chuva que representa à travessia violenta de povos africanos Atlântico afora. A personagem anciã Sabela é a única imune às mazelas do evento, o que a torna um alvo de pessoas que à acusam de feitiçaria. Enquanto corpo ancião, Sabela orienta os seus e carrega uma ancestralidade na mesma medida em que a narrativa é compartilhada com outros personagens e que, por conseguinte, preservam a memória desse corpo. Herança passada de mãe

para filha, a narrativa ouve muitas vozes na tentativa de livrar-se de uma história única da formação de um saber. Assim, “A ancestralidade é a vida enquanto possibilidade, de modo que ser vivo é estar em condição encantada, de pujança, de reivindicação da presença como algo credível” (RUFINO, 2019, p. 15). Serão indispensáveis, portanto, os pressupostos dos estudos da memória e ancestralidade para a análise em tela, principalmente, a partir dos trabalhos de Carla Akotirene (2019), Luiz Rufino (2019), Abdias do Nascimento (2016), Cuti (2010), Chimamanda Ngozi Adichie (2009), Joël Candau (2018), Maurice Halbwachs (2006), Michael Pollak (1992) e a própria Conceição Evaristo (2008).

Literatura, memória e ancestralidade: modos de existir no mundo

Nas palavras de Cuti (2010), a literatura por carregar a essência da ação humana deve colocar em destaque a pauta de grupos racializados no que diz respeito enquanto constituição de um direito de todos, por isso mesmo “A literatura, pois, precisa de forte antídoto contra o racismo nela entranhado” (CUTI, 2010, p. 13). As observações do autor remontam as faces ora velada, ora escancarada do racismo estrutural que encontra-se no seio da historiografia brasileira, e que reverbera nas práticas socioculturais, incluindo, a arte literária. Do mesmo modo, Grada Kilomba (2019, p. 56, grifo da autora), chama a atenção sobre a negação da presença negra em lugares de privilégio quando “corpos *negros* são construídos como corpos que estão ‘fora do lugar’ e, por essa razão, corpos que não podem pertencer”. Assim, a presença de negros, seja do ponto de vista da autoria, seja do ponto de vista do próprio texto literário, assumiu, quase sempre, o lugar de subalternização e de representação eurocêntrica, e nunca enquanto reconhecido de uma identidade cultural. Nesse combate, Cuti traz à baila a importância da representação da

negritude quando da constituição da literatura negro-brasileira, para ele:

O surgimento da personagem, do autor e do leitor negros trouxe para a literatura brasileira questões atinentes à sua própria formação, como a incorporação dos elementos culturais de origem africana no que diz respeito a temas e formas, traços de uma subjetividade coletiva fundamentados no sujeito étnico do discurso, mudanças de paradigma crítico-literário, noções classificatórias e conceituação das obras de poesia e ficção (CUTI, 2016, p. 11).

Mora nessas predicções a estética de Conceição Evaristo uma vez que “a autora revela o limite do universo representacional que se orgulha por lustrar as potencialidades da vida quando, pela expressão das escritas menores, a vida aparece reequalizada, repensada, inclusive, nas suas diferenças” (SOUZA, 2018, p. 35), além de sua obra intercambiar vozes dissidentes em uma ficção que também nos faz refletir sobre as várias nuances de existir no mundo. Personagens como Maria, Zaíta, Di lixão, Natalina, Bica, Dorvi, Idago, Sabela, dentre outros, revelam as dificuldades de manter o pacto vibrante quando “A gente combinamos de não morrer”, e simultaneamente, é possibilitado por meio da palavra formar um coro de resistência em uma matriz de escrevivência.

A memória se constitui, nesse contexto, como uma esfera fundamental que possibilita o resgate daquilo que foi silenciado no transcurso do tempo, ela não se interessa em ostentar uma verdade, mas sim empreende-se como percepções da realidade que opera com subjetividades, assim:

A literatura afro-brasileira traz o registro de uma memória social, enquanto lembranças de vários indivíduos. Memória que permitiu um conhecimento de um sistema simbólico, que possibilitou uma reorganização do território negro da diáspora, através de uma mística negra, vivida em um tempo

que escapa a uma medição cronológica, por se tratar de um tempo mítico (EVARISTO, 2008, p. 4).

É interessante observarmos que o fenômeno da memória encontra-se sempre em potencial no âmbito da experiência evaristiana, isso implica dizer que a estética da escriturabilidade está sempre mergulhada na percepção da memória. Maurice Halbwachs (2006, p. 29) chama nossa atenção para essas questões quando: “A nossa impressão pode se basear não apenas na nossa lembrança, mas também na de outros, [...] como se uma mesma experiência fosse recomeçada não apenas pela mesma pessoa, mas por muitas”. Na mesma medida, Rosiane Silva (2021, p. 49) pontua que “esse complexo é inerente à existência humana e, para além disso, compõe um dos elementos da identidade do homem”, talvez por isso o lugar da literatura, nesse sentido, assume uma manifestação sensível de trazer à luz historiografias silenciadas e que pulsam como representação que tensionam o cânone, possibilitando novas leituras sobre a tradição e suas formas de experiência na diáspora.

O fato de a memória não se constituir como uma verdade universal, pautada em um essencialismo, coaduna com os matizes ficcionais, pois vivemos a partir da memória do grupo, o que nos permite dizer que a memória constitui-se fundamentalmente enquanto “percepções da realidade, do que à factualidade positivista subjacente a tais percepções.” (POLLAK, 1992, p. 2). O caráter seletivo, portanto, alça a memória aos domínios da ficção. A evocação da memória, garante sua importância efetiva quando da percepção, do que Halbwachs (2004) denomina de quadros sociais, quais sejam: espaço, tempo, linguagens e instituições, por exemplo, o que endossa as relações inter e intrassubjetivas na medida do tempo, pois “A memória também sofre flutuações que são função do momento em que ela é articulada, em que ela está sendo expressa. As preocupações do momento cons-

tituem um elemento de estruturação da memória” (POLLAK, 1992, p. 4).

Outra questão digna de destaque, diz respeito aos múltiplos vieses de representação e constituição da identidade no centro da memória. O princípio da “memória-dever” como uma ideia particular do entrelaçamento entre memória e identidade são importante para a experiência vivida, do contrário, “Na ausência de grandes memórias organizadoras, cada indivíduo toma seu próprio caminho e isso resultada em memórias fragmentadas” (CANDAU, 2018, p. 184). Conceição Evaristo, assume um compromisso ético de fazer da memória uma experiência viva. A autora nos brinda com sua percepção sobre o fenômeno de sua escrita na esteira da coletividade, presente em *Histórias de leves enganos e parecenças*: “Digo isto, apenas: escrevo o que a vida me fala, o que capto de muitas vivências. Escrevivências. Ah, digo mais. Cada qual crê em seus próprios mistérios. Cuidado tenho. Sei que a vida está para além do que pode ser visto, dito ou escrito” (EVARISTO, 2017, p. 17). Nesse sentido,

Nossas lembranças permanecem coletivas e nos são lembradas por outros, ainda que se trate de eventos em que somente nós estivéssemos envolvidos e objetos que somente nós vimos. Isto acontece porque jamais estamos sós. Não é preciso que outros estejam presentes, materialmente distintos de nós, porque sempre levamos conosco e em nós certa quantidade de pessoas que não se confundem (HALBWACHS, 2006, p. 30).

Essas relações da memória quando refletidas sob o ponto de vista de grupos racializados, nos faz pensar sobre as representações desses grupos no âmbito da literatura nacional. Cuti (2010) problematiza o fato de o romantismo brasileiro, apesar do projeto da identidade nacional, ainda perceber o sujeito a partir do crivo europeu, fruto das matrizes da colonização, vide o *Bom-Criolo* (1895), de Adolfo Caminha; *O guarani* (1857), *Iracema* (1865) e *Ubirajara* (1874), de José de

Alencar. “Além da temática (o bom selvagem, os amores arrebatados, a vida social urbana, a saga da escravização) [...]. É o período em que temática e ideologia aliam-se explicitamente à forma de escrever dos movimentos artísticos transplantados da Europa” (CUTI, 2010, p. 16), e continua:

Até então, nesse contexto, os descendentes de escravizados são utilizados como temática literária predominantemente pelo viés do preconceito e da comiseração. A escravização havia coisificado os africanos e sua descendência. A literatura, como reflexo e reforço das relações tanto sociais quanto de poder, atuará no mesmo sentido ao caracterizar as personagens negras, negando-lhes complexidade e, portanto, humanidade (CUTI, 2010, p. 16).

As obras de escritores negros do mundo contemporâneo, trazem reflexões críticas acerca do duro processo de colonização, ao passo em que combatem essa ideia de bestialidade e do racismo que residiram (e ainda reside velado) nas identidades negras, (FANON, 2008). Escritores como Conceição Evaristo, Lívia Natália, Cidinha da Silva, Cristiane Sobral, Geovani Martins, Aldri Anunciação, Lázaro Ramos, dentre outros, trazem em suas obras representações de combate ao racismo, identidades negras, ancestralidade, periferias, enquanto formas de existir e resistir. Nesse ínterim, Luiz Rufino em *Pedagogia da encruzilha* nos apresenta as reverberações desse compromisso ético e estético:

É nossa responsabilidade assumir a emergência e a credibilização de outros saberes, diretamente comprometidos, agora, com o reposicionamento histórico daqueles que os praticam. Nessa perspectiva, emerge outro senso ético/estético; os saberes que cruzam a esfera do tempo, praticando nas frestas a invenção de um mundo novo, são aqueles que se encarnam na presença dos seres produzidos como *outros*. Firmemos nossas respostas combatendo a baixa estima que nos foi imposta; a problemática do conhecimento é fundamentalmente étnico-racial (RUFINO, 2019, p. 12).

Percebemos, portanto, que as dimensões ética e estética se manifestam quando o texto literário assume o compromisso ficcional de revisitar as tradições afro-brasileiras, trazendo para a cena o protagonismo de personagens negros, principalmente mulheres, como é o caso de Conceição Evaristo, além de evocar a memória como mecanismo da tessitura textual e de uma epistemologia dissidente, capaz de tensionar a História, dando lugar à criação sensível e à diversidade na tentativa da fuga de uma narrativa única, isso porque “Tanto o passado remoto, como o passado recente, assim como o cotidiano, a matéria do hoje e do agora, tudo tentará preencher as ausências premeditadas e apagar as falas distorcidas de uma narrativa oficial, que poucas vezes se apresenta sob a ótica dos *dominados*” (EVARISTO, 2008, p. 2, grifo da autora).

O testemunho vivo no corpo: memória e ancestralidade em “Sabela”

A novela “Sabela” é uma das narrativas que compõe o livro *Histórias de leves enganos e parecenças* (2017), de Conceição Evaristo, publicado pela editora Malê. O próprio título, segundo a autora, já evoca os matizes das tradições afro-brasileiras, isso porque Evaristo resgata a oralidade das expressões populares que se fizeram presentes em sua experiência desde a infância. Quando se percebia que algum parente, familiar ou conhecido se assemelhava a outro, na verdade, dizia-se que tinha uma “parecença”. Talvez por isso, a novela “Sabela” conta a história da personagem principal que intitula a narrativa e como sua vida reflete em parença na vida dos demais personagens.

A novela, aos moldes de quem cria um mundo, costumam sua tessitura sob o viés da memória, um acontecimento que implica tanto na forma de pensar a narrativa, quanto no tema nela ensejado. Isso pelo fato singular de um dilúvio

assolar uma cidade inteira, cuja população sofre com as consequências dela. No entanto, Sabela parece ser inumera à desdita que recaiu sob aquela cidade. Saberes de uma vida ancestral saltam das páginas da novela, de modo a alegorizar os temas caros da formação historiográfica brasileira, qual seja, a violência da travessia do atlântico. As águas da chuva, representam as águas do oceano:

Quando o céu retumbavam trovões, gritos rasgados da boca do tempo, as vozes do alto foram repetidas desde lá dentro das entranhas da terra. Os buracos terrestres, mesmos os bem-bem pequenos, como os minúsculos orifícios por onde penetram as menores formigas, até as crateras de onde jorram os vômitos dos vulcões, todos copiaram os gritos celestes. Todas as inimagináveis frinchas do chão manifestaram-se com um longo e profundo som. Todas as fendas do solo bradaram violentamente, inclusive a maior, a guardadora das águas, o mar. [...] Tudo foi um abalo só. Céu e terra como se tudo fosse uma única matéria em rebuliço (EVARISTO, 2017, p. 59).

A novela assume uma polifonia, sendo Sabela filha a narrar a primeira parte quando dos acontecimentos do tempo da chuva, e nas duas outras, os personagens dividem-se para narrar suas versões do acontecimento. Isso porque “Uma ou muitas pessoas juntando suas lembranças conseguem descrever com muitas exatidões fatos ou objetos que vimos ao mesmo tempo em que elas, e conseguem até reconstituir toda a sequência de nossos atos e nossas palavras e circunstâncias definidas” (HALBWACHS, 2006, p. 31). Nesse mesmo contexto, Sabela filha declara: “Menina ainda, eu testemunhava toda a sabedoria que Mamãe guardava no corpo” (EVARISTO, 2017, p. 60).

Percebemos que Sabela, ganha lugar de destaque por ser anciã e mãe, e, portanto, responsável por direcionar essa comunidade em funções dos saberes que carrega. Havia anos que não chovia nessa cidade e como um presságio “Naquela manhã o corpo de Mamãe projetava chuva” (EVARISTO,

2017, p. 60). Para o *Dicionário de símbolos*: “Um dilúvio não destrói senão porque as **formas** estão usadas e exauridas; mas ele é sempre seguido de uma nova humanidade e de uma nova história. [...] O dilúvio está muitas vezes ligado às faltas de humanidades, morais ou rituais.” (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2016, p. 339, grifo dos autores). Desse modo, o tema da violência com população negra escravizada e forçada a atravessar o atlântico é o carro chefe dessa representação, na tentativa de tensionar a história com percepções da memória. Deprendemos que a ancestralidade de Sabela explica o fato de ter consigo saberes e poderes vindo de outro lugar, quando a filha comenta sua genealogia:

Por alguns anos, até a menina Sabela ser apontada como bruxa, Vovó Sabela viveu venerada por todos. A deferência para com Vovó era tão grande, que algumas pessoas influentes do lugar começaram a perguntar sobre as origens dela. Achavam que o sentimento de respeito com o qual a reverenciavam, deveria ser extensivo à mãe dela e a todos os seus mais antigos e primeiros parentes. Começaram então a buscar o passado de Vovó. Queriam saber como o povo de Sabela havia chegado até ali. Afinal se tratava de descobrir, de estudar as quase-origens do lugar. [...] Mas uma dúvida se instalou quanto ao lugar de origem de Vovó e não foi resolvida até hoje. Conseguiu-se saber que Vovó Sabela, era filha de outra Sabela, que por sua vez era descendente de uma anterior Sabela, que havia chegado ali pequenininha. As ancestrais de Sabela haviam nascido em algum lugar, uma terra poderia ser: Mambela, Zimbela, Kumbela, Umbela... [...] Souberam apenas que as mulheres antecessoras de Sabela, assim como os homens, isto é, todo o povo predecessor de Vovó tinha vindo de longe, muito longe. Povos que tinham vindo pelos caminhos das águas. Corria a história de que as águas salgadas do mar, no momento em que esses povos, por vários motivos, faziam uma forçada travessia, gemiam sons dolorosos, como se fosse humanos lamentos” (EVARISTO, 2017, p. 65).

Nesse momento pulsa na representação o lugar da tradição africana quando Sabela é referenciada por ser quem é, o mesmo nome sendo replicado nas gerações posteriores nos indica que essas são maternidade contra-hegemônicas que, por conseguinte, as relações de parentesco se configuram na coletividade, isso justifica o fato de muitos personagens chamarem Sabela de “mamãe”, “madrinha”, “dindinha”. Do mesmo modo, Mambela, Zimbela, Kumbela, Umbela representam os vários povos que foram escravizados nos processos de colonização. Conceição Evaristo, ao ficcionalizar esses eventos, demonstra que os povos africanos têm suas próprias histórias, memórias e culturas subjugadas ao inumano. Carla Akotirene chama nossa atenção para esse fenômeno ao traz à baila uma gramática ancestral e diaspórica, tendo o:

Atlântico como locus de opressões cruzadas, pois acredito que esse território de águas traduz, fundamentalmente, a história e migração forçada de africanas e africanos. As águas, além disto, cicatrizam feridas coloniais causadas pela Europa, manifestadas nas etnias traficadas como mercadorias, nas culturas afogadas, nos binarismos identitários, contrapostos humanos e não humanos. No mar Atlântico temos o saber numa memória salgada de escravidão, energias ancestrais protestam lágrimas sob o oceano” (AKOTIRENE, 2019, p. 15).

O Atlântico, nesse sentido, é tido como um grande necrotério. Ou como pontua Luiz Rufino (2019, p. 15): “foi nomeado pelas populações negro-africanas que o atravessaram como ‘calunga grande’. [...] é o termo utilizado para designar o oceano como o ‘grande cemitério’”. Acrescentamos que nessa travessia a população negra trouxe consigo suas cosmologias, que os faziam ter esperança em meio às águas duvidosas (EVARISTO, 2011), talvez por isso lemanjá seja a senhora do mar e de todas as cabeças, que fez a travessia junto dos africanos, e na novela, quando a chuva se intensifica, demonstra outro Orixá sendo convocado:

Uma fé engrandecida saltava de nossas preces, que se estendiam em outras regiões divinas. E então o nosso clamor terminava em canto e dança. Entoávamos cantigas para lansã, pois é ela quem comanda os ventos, os raios, as tempestades e poderia, caso quisesse, aplacar o furor das águas que ameaçava a cidade (EVARISTO, 2017, p. 62).

A luta por sobrevivência simboliza a dificuldade em existir nessa nova terra, isso porque, como comenta Abdias do Nascimento, em *O genocídio do negro brasileiro: processo de um racismo mascarado* (2016, p. 57): “A imediata exploração da nova terra se iniciou com o simultâneo aparecimento da raça negra, fertilizando o solo brasileiro com suas lágrimas, seu sangue, seu suor e seu martírio na escravidão”. A narrativa caminha como quem tempos a fios resistiu ao poder da colonização. E o elemento água demonstra que há um corpo continuando a (re)existir, tendo em vista que a água é elemento capaz de “aplacar a maldição e afrontar a fúria do abuso de poder, quer para revitalizar a crença ancestral, o poder feminino e a instalação de uma nova ordem” (SILVA, 2017, p. 109), como podemos perceber:

Em meio a corpos de todos os tamanhos, cor, sexo, condição social e idade, nadavam, também vertiginosamente, cofres arrancados dos bancos que desminlinguiam feito caixas velhas de papelão. Na enxurrada, dinheiro e documentos escapam como água escorregando por entre os dedos. Pareciam-se que só Sabela continuava intacta. Ela e nós, a sua extensão (EVARISTO, 2017, p. 68).

Já sabemos, portanto, que o corpo da mãe Sabela carrega toda uma ancestralidade, principalmente, trazida à tona por meio do acontecimento da chuva. Nas palavras de Halbwachs (2006, p. 29) “A nossa impressão pode se basear não apenas na nossa lembrança, mas também na de outros, nossa confiança na exatidão de nossa recordação será maior”. No sentido de não condenar a memória ao esquecimento, Sabela filha decide preservar a memória e ancestralidade da

mãe, em “Gestos de sobrevivência e de resistências todas assentadas na oralidade” (SOUZA, 2018, p. 36),

Quando Sabela já estava bem velha e quase não aguentava mais falar, ele me pedia lhe recontasse tudo. Aí, era eu, então, que ficava úmida, vertendo chuvas de palavras, como estou a verter agora. De todas as nossas histórias, a que eu mais gostava e ainda gosto de reviver é o evento da chuva. Depois da passagem de Sabela para o outro estágio do viver, fiquei preocupada em recuperar os fios dos acontecimentos. Não tendo mais com o quem repartir tantas lembranças, tive o receio de que a memória sufocada dentro de mim, se calasse para sempre, se transformando em esquecimento. O que fiz? Fui buscar das pessoas que tinham na época experimentado os fatos, para pedir que narrassem tudo novamente. Percebi que então muitos sentidos de uma mesma história. Mesmo Mamãe, que conhecia tudo, tinha o contar dela” (EVARISTO, 2017, p. 84).

Sabela, assume o nome da mãe, e começa a coletar as narrativas dos personagens sobre o acontecimento da chuva. Cada um descreve sua percepção sobre os acontecimentos. Segundo Pollak (1992) a memória organiza-se a partir de três elementos: acontecimentos, personagens e lugares, o que implica dizer que “a memória é um fenômeno construído social e individualmente, quando se trata da memória herdada, podemos também dizer que há uma ligação fenomenológica muito estreita entre a memória e o sentimento de identidade” (POLLAK, 1992, p. 5). Não é à toa que a memória não se impõe como uma verdade dada e positivista, como podemos perceber nas ações dos personagens nesses momentos da novela:

1) Quando a filha de Sabela me pediu para que eu contasse a história da maior chuva que abateu sobre a cidade, pensei muito. Que importância teria minha fala? E depois o que passou, passou. A minha dúvida maior é que talvez eu saiba pouca coisa sobre a

chuva. Não vivi a chuva, vivi a solidão das águas. Eu e a Cobra Serena. Da solidão, eu Madre Pia, sei dizer, desde sempre (EVARISTO, 2017, p. 85).

2) Eu, Roxinol, assim que Sabela me pediu que constasse sorbe as águas despencadas do infinito, minhas invenções e minhas palavras coçaram no céu de minha memória. [...] Recordo de quase tudo que vivi. Tenho uma aluvião de lembranças a magear o meu corpo. E dessas reminiscências uma imagem sobressai, a de Madrinha Sabela. Mais do que minha mãe, Madrinha é o princípio de minha memória (EVARISTO, 2017, p. 87).

3) Tão guardada fico em mim, que do próprio som da minha voz esqueço. Como treinar a fala para contar da chuva para a filha de Sabela? Se não fosse um pedido da filha de Madrinha Sabela, silenciosa eu continuaria (EVARISTO, 2017, p. 92).

4) Das águas e seus mistérios, muito aprendi, Sabela. O maior aprendizado deles foi entender a força do silêncio. Não esqueci a fala, como também não me deslembrei do gesto. Entretanto, nas histórias, falas e silêncio moram juntos e às vezes um pisa no pé do outro (EVARISTO, 2017, p. 98).

Outros testemunhos são coletados por Sabela, na expertise que manter a memória viva. Algo interessante de observarmos é que o sentimento em volta da memória é também intersubjetivo, em função das marcas de emoções que circundam a vivência de cada um, pois além de ter Sabela no centro de algumas, em outras a memória forçar-se a ficar submersa, devido as experiências traumáticas. Nas predicções de Pollak (1989, p. 5), no seio da memória há também “lembranças traumatizantes, lembranças que esperam o momento propício para serem expressas”.

Chimamanda Ngozi Adichie em *O perigo de uma história única* (2009, p. 16) pontua que “As histórias importam. Muitas histórias importam. As histórias foram usadas para espoliar e caluniar, mas também podem ser usadas para empoderar e humanizar. Elas podem despedaçar a dignidade de um povo, mas também podem reparar essa dignidade des-

pedaçada.”, por isso Sabela, na contramão de uma história única, recorre aos demais personagens para o registro, daquilo, que foi o maior evento dessa experiência, pois “Sempre recontando a história das águas, conto a de Sabela, a minha e a de tantas pessoas. Vozes múltiplas e diversas me ajudam a ampliar, a aprofundar o sentido da história. Há vazios, eu sei. Volto ao meu princípio para recontar sobre as águas” (EVARISTO, 2017, p. 102).

Considerações Finais

A literatura de Conceição Evaristo a partir das relações estabelecidas com a memória nos permitiu observar que a própria memória configura-se como um lugar dotado de valores e representações, e “Ao se observar a resistência da tradição cultural negra e a sua reelaboração, a sua reterritorialização no Brasil e outros países da diáspora africana, percebemos o caráter pessoal e coletivo da memória como possibilitador de construção de uma identidade” (EVARISTO, 2008, p. 4).

As águas em “Sabela” se constituem, como observa Assunção Silva (2017, p. 108), como “corpo físico e corpo social.”, que “Por vezes, passa a ser símile ou metonímia do universo urdido”. Por isso, saltam das páginas aos nossos olhos uma narrativa que lustra a luta contra a hegemonia de uma narrativa única, quando as muitas Sabelas assumem lugares de protagonismo frente ao ostracismo do qual a cultura negra é subjugada. Muitas vezes assumem a narrativa em uma solidariedade que remonta a ancestralidade, assim “A história que Sabela nos contou, e que eu conto a partir da palavra-vivência dela, é um relato constituído de nossos corpos, tantos os que foram salvos, como os que perdidos na água ficaram. Em nossos corpos, memória e água” (EVARISTO, 2017, p. 102).

Compreendemos, por fim, que a memória costura uma narrativa-vida de modo a revisitar as tradições ao mesmo tempo em que tensiona a história, fazendo da literatura um solo fértil que possibilita corpos viverem em uma linguagem revestida de saberes.

Referências

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. *O perigo de uma história única*. São Paulo: Cia das Letras, 2009.

AKOTIRENE, Carla. *Interseccionalidade*. São Paulo: Sueli Carneiro/Pólen, 2019.

BHABHA, Homi. *O local da cultura*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2013.

CORRÊA, Gabriel Vidinha; MENDES, Danielle Gomes; SILVA, Gabriela Belo. Balas que dissolvem a vida: a violação da infância em “Zaita esqueceu de guardar os brinquedos”, de Conceição Evaristo. In: FELIPE, Adilson dos Reis; NETTO, Mônica Inês de Castro; NEVES, Paula Fernandes de Assis Crivello (Org.). *Infâncias, adolescências e sociedade*. Uberlândia-MG: Culturatrix, 2021.

CANDAU, Joël. *Memória e identidade*. Trad. Maria Letícia Ferreira. São Paulo: Contexto, 2018.

CUTI. *Literatura negro-brasileira*. São Paulo: Selo Negro, 2010.

EVARISTO, Conceição. Escrevivências da afro-brasilidade: história e memória. *Revista Releitura*, Belo Horizonte, Fundação Municipal de Cultura, novembro, nº 23, 2008.

EVARISTO, Conceição. *Histórias de leve enganos e parecenças*. Rio de Janeiro: Malê, 2017.

EVARISTO, Conceição. *Poemas Malungos: cânticos irmãos*. Tese (Doutorado em Literatura Comparada), Universidade Federal Fluminense, 2011.

FANON, Frantz. *Pele negra, máscaras brancas*. Trad. Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008.

FERREIRA DA SILVA, Rosimere. Entre o literário e o existencial, a “escrevivência” de Conceição Evaristo na criação de um protagonismo feminino negro no romance Ponciá Vicêncio. *Revista Entreletras: Araguaína/TO*, v. 8, n. 1. 2017.

HALBWACHS, Maurice. *Memória coletiva*. São Paulo: Centauro, 2006.

KILOMBA, Grada. *Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano*. Trad. Jess Oliveira. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

NASCIMENTO, Abdias do. *O genocídio do negro brasileiro: processo de um racismo mascarado*. São Paulo: Perspectiva, 2016.

POLLAK, Michael. *Memória e identidade social*. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992.

POLLAK, Michael. *Memória, esquecimento, silêncio*. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989.

RUFINO, Luiz. *Pedagogia da encruzilhada*. Rio de Janeiro: Mórula Editorial, 2019.

SILVA, Assunção de Maria Sousa e. Posfácio. In: EVARISTO, Conceição. *Histórias de leve enganos e parecenças*. Rio de Janeiro: Malê, 2017.

SILVA, Rosiane de Oliveira. *Princesa da baixada e a belle époque pinheirense: aspectos políticos e culturais na cidade de Pinheiro — MA*. Dissertação (Mestrado em Cultura e Sociedade), Universidade Federal do Maranhão, 2021.

SOUZA, Livia Maria Natália de. Uma reflexão sobre os discursos menores ou a escrevivência como narrativa subalterna. *Revista Crioula*. N 21, jan/jun, 2018.

[Recebido em: 14 fev. 2022 — Aceito em: 14 out. 2022]